



Mania de ter fé na vida

Nuno Virgílio Neto*

Em várias cidades brasileiras, Rotary Clubs realizam projetos para apoiar campanhas de doação de órgãos

A realidade dos transplantes de órgãos no Brasil pode ser dividida em dois cenários: a dos transplantes que são feitos e a dos transplantes que deixam de ser feitos. No primeiro caso, somos um modelo a ser copiado: o Brasil é hoje o segundo país em número de transplantes de órgãos, com mais de 90% dessas cirurgias sendo feitas pelo sistema público de saúde. Aqui, em 80% dos casos, o transplante é realizado com sucesso, significando a reintegração completa do paciente à sociedade produtiva.

Por outro lado, de cada oito potenciais doadores de órgãos no Brasil, apenas um é notificado, o que limita a captação de órgãos no país e impede a diminuição da fila em que mais de 60 mil brasileiros esperam por um transplante. Para inverter essa situação, todos os envolvidos no assunto, inclusive o Ministério da Saúde, apontam dois desafios principais: ampliar a captação de órgãos e sensibilizar cada vez mais o brasileiro a ser um doador.

Juntas, essas duas medidas fariam aumentar o número de potenciais doadores notificados, encurtando a espera de quem precisa de um órgão para continuar vivendo. Nos dois casos, a participação de todos os setores da sociedade é fundamental, inclusive do Rotary – algo que muitos Rotary Clubs brasileiros têm demonstrado saber.



● DECORAÇÃO DE rua feita pelo RC de Avaré-Jurumirim no dia de Corpus Christi: doação de órgãos como tema

Para os associados do Rotary Club de Joinville-Sul, em Santa Catarina (D. 4650), o envolvimento com as campanhas de doação de órgãos é uma causa antiga. Em 1978, eles ajudaram a fundar o Banco de Olhos de Joinville (BOJ), o primeiro do estado. Entidade civil sem fins lucrativos, o BOJ foi administrado pelos rotarianos durante muitos anos. Nas décadas de 1980 e 90, o clube foi dando uma autonomia maior à instituição, afastando-se de sua direção. Um caminho que precisou ser refeito há três anos: afundado em dívidas e com sua capacidade de operação reduzida, o BOJ teve sua direção reassumida pelos associados do Rotary Club de Joinville-Sul. Depois de uma série de mudanças administrativas, hoje em dia o BOJ ostenta uma excelente saúde financeira e voltou a ser o melhor banco de olhos de Santa Catarina.

“Na atual gestão, recebemos 181 doações de córneas e realizamos 140 transplantes”, conta o ex-governador distrital Luiz Roberto Franco, associado do clube

e atual vice-presidente do BOJ. Na fila de espera do banco, que atende pacientes de diversos municípios da região, há 215 pacientes. A meta para 2010 é realizar um transplante por dia – média que já havia sido alcançada no último mês de outubro.

No interior de São Paulo, a 260 quilômetros da capital, o Rotary Club de Avaré-Jurumirim (D. 4620) desenvolve desde 2008 uma campanha para mostrar à população da cidade a importância da doação de órgãos. O trabalho é realizado em parceria com a Comissão Intra-Hospitalar de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplante da Santa Casa de Misericórdia de Avaré e com o Grupo Bizungão. Uma das conquistas do projeto foi a criação de uma lei municipal que institui o 6 de agosto como o Dia de Incentivo à Doação de Órgãos em Avaré. Além de palestras em empresas e instituições de ensino, distribuição de material informativo e uma mobilização que envolve jornais e programas de TV e rádio, os rotarianos ajudaram a reformar o parque

de diversões da pediatria da Santa Casa, pintando o muro com um painel alusivo à doação de órgãos – e atualmente desenvolve uma pesquisa para saber qual o percentual da população favorável à doação e o nível de conhecimento que ela tem sobre o assunto.

Ainda em São Paulo, o Rotary Club de Rancharia (D. 4510) vem apoiando o trabalho do grupo Madula, que incentiva a população a cadastrar-se no programa de doador voluntário de medula óssea – medida que ajuda a salvar a vida de pessoas portadoras de leucemias, linfomas e aplasias de medula. Desde 2006, quando foi criado, o Madula participou do cadastramento de mais de 30 mil doadores voluntários. Duas dessas pessoas já tiveram a compatibilidade identificada e fizeram a doação em hospitais de Curitiba e do Rio de Janeiro.

PROJETO PIONEIRO NO SUL

No Brasil, uma Medida Provisória de 1998 instituiu a doação de órgãos consentida pela família do morto, retirando do indivíduo e da sociedade essa decisão. Com isso, tornou-se proibido constar nos documentos de identificação de qualquer cidadão brasileiro a informação de sua condição de doador – e por isso hoje em dia é tão importante que a pessoa converse com seus familiares sobre sua vontade em relação à doação.

Sem ferir nenhum dispositivo legal, há oito anos o tabelião Sergio Afonso Manica, associado do Rotary Club de Porto Alegre (D. 4680), idealizou um projeto que prevê a criação de um banco de dados, que seria controlado pela Central de Transplantes e Doação de Órgãos da Secretaria Estadual da Saúde, e disponibilizado sob sigilo às instituições hospitalares do Rio Grande do Sul com capacidade de realização de transplantes.

Neste banco de dados estariam os nomes das pessoas que, em vida, tivessem feito uma declaração de vontade manifestando seu desejo de ter seus órgãos doados, firmada por testamento ou documento público. Essa declaração de vontade não mudaria a atual legislação que regula os transplantes de órgãos no Brasil (a decisão conti-

nuaria sendo dos familiares), mas seria uma maneira de informar à família a vontade declarada pelo parente morto – o que poderia facilitar a tomada dessa decisão numa hora tão difícil.

O projeto, que está bem avançado no sentido de ser plenamente aprovado e posto em operação, foi encampado pelo Rotary Club de

Porto Alegre e tem o apoio dos cinco distritos rotários gaúchos, além de ter recebido manifestações favoráveis por parte de diversos setores, incluindo a Secretaria Estadual da Saúde, o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, a Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul e a Associação dos Notários e Registradores do Brasil.

Solidariedade gota a gota

Doação de sangue é outra luta dos rotarianos brasileiros

Durante a Semana Internacional do Voluntário, entre 5 e 12 de dezembro, os Rotary Clubs do Distrito Federal lançaram uma grande campanha de doação de sangue que mobilizou rotarianos e doadores no Hemocentro de Brasília. Felizmente, o caso deles não é uma exceção: em muitas outras regiões do país, os Rotary Clubs abraçam essa causa e mobilizam seus associados e a comunidade em torno do tema. Um dos termômetros desse envolvimento está aqui na revista, na seção *Distritos em revista*, onde é comum vermos rotarianos montando postos de coleta em áreas de grande circulação nas cidades onde vivem, trabalhando como voluntários em bancos de sangue ou confeccionando e distribuindo folhetos informativos à população.

No Norte do país, por exemplo, o Rotary Club de Rolim de Moura, em Rondônia (D. 4720), faz campanhas seguidas para promover a doação de sangue na cidade. A iniciativa é repetida semanalmente no programa “Momento Rotary”, da Rádio Rolim FM.

HISTÓRIA ANTIGA NO RECIFE

Em alguns estados brasileiros, como Pernambuco, essa participação é bem mais antiga. Na década de 1940, o Rotary Club do Recife (D. 4500) já participava de campanhas de doação de sangue em parceria com a Cruz Vermelha. A iniciativa foi sendo abraçada por outros clubes que iam sendo fundados na cidade, culminando com a participação dos rotarianos pernambucanos



● ROTARIANOS DO Distrito Federal durante a campanha no Hemocentro de Brasília

na criação da Fundação de Hematologia e Hemoterapia de Pernambuco (Hemope), no final da década de 1970. Em 1980, o equipamento de criobiologia do Hemope foi comprado por meio de um projeto 3H do Rotary Club do Recife, no valor de US\$ 42 mil – cifra bastante alta para a época.

Atualmente, a Fundação Hemope e os Rotary Clubs do Recife-Largo da Paz, Encanta Moça, Boa Viagem, Casa Amarela e Derby trabalham integrados na realização de diversos projetos. Há dois anos, um encontro entre representantes do Rotary e do Hemope teve por objetivo viabilizar recursos para a compra de caixas térmicas e de um novo veículo para as campanhas de coleta externa de sangue, através de um projeto de Subsídios Equivalentes da Fundação Rotária. No momento, os documentos estão sendo adequados às novas diretrizes da Fundação Rotária e à parceria internacional. A expectativa é de que o projeto seja concluído até o final deste semestre.

A vida que voltou do escuro

Depois de quase ter ficado cega, catarinense trabalha para ajudar outras pessoas a recuperarem a visão

Como as letras no quadro negro andavam tão embaralhadas que já não era mais possível copiá-las no caderno, Sirlei chegou em casa dizendo aos pais que precisava de ajuda. Foi ao médico e saiu da consulta usando óculos, que em pouco tempo precisaram ser trocados por outros, com um grau maior, e novamente por outros, e outros mais, até que veio o dia do diagnóstico assustador: Sirlei estava ficando cega por causa de um ceratocone, doença degenerativa da córnea que vai tirando progressivamente a visão.

Quando o problema apareceu, Sirlei tinha 16 anos. Três anos depois, ela já havia perdido 80% da capacidade de enxergar. Por causa da doença e das limitações que aumentavam dia a dia, precisou parar de estudar e foi obrigada a trocar de setor na fábrica de tecidos onde trabalhava, em Joinville (SC). “Até que chegou o ponto em que o único trabalho para mim era o que as grávidas podiam fazer”, lembra.

A FILA

A única saída para o problema, admitiu o médico, seria o transplante de córneas. “Fiquei desesperada quando fui fazer meu cadastro no Banco de Olhos de Joinville e descobri que havia 60 pessoas na minha frente na fila de espera”, conta. “É muito difícil para qualquer pessoa saber que vai ficar cega, ainda mais alguém naquela idade, tão nova e cheia de sonhos como eu era”.

O medo do que viria pela frente não impediu que Sirlei se casasse com Maurício, um ano depois. Quando eles trocaram as alianças, ela ainda estava na fila de espera do

transplante. Maurício decidiu correr com ela todos os riscos que o futuro poderia trazer. Aquela era uma briga dos dois.

Até que veio o mês de setembro de 1991, e com ele, o telefonema mais importante da vida de Sirlei: havia chegado a vez dela de fazer o transplante. Poucos dias depois da cirurgia, Sirlei começava a recuperar a visão que o ceratocone lhe havia roubado. Era como ir acordando aos poucos para o mundo e suas formas, tudo aquilo que a doença tinha transformado, pouco a pouco, em apenas memória.

A MISSÃO É O ‘SIM’

A luta de Sirlei só terminou em 1993, depois de enfrentar novamente a fila de espera e fazer a cirurgia no segundo olho. No caso do transplante de córneas é assim mesmo: os médicos operam um olho de cada vez, para controlar os riscos de uma eventual rejeição. Sirlei estava então com 25 anos. Voltou a trabalhar e planejou ser mãe. Hoje, Julia, a filha dela e de Maurício, está com 11 anos. Toda orgulhosa, a menina pôde ver a mãe formar-se como técnica de enfermagem, em maio do ano passado. Um diploma que simboliza a renovação do compromisso de vida que Sirlei assumiu quando ficou curada: tornar mais curta a espera de outras pessoas na fila do transplante de córneas.

Sirlei Martins Grawe trabalha no Banco de Olhos de Joinville desde 2006. Começou lá antes disso, como voluntária, e hoje, aos 40 anos, integra a equipe que, como vimos no começo desta reportagem, recuperou a instituição e fez aumentar o número de doações e de trans-



● SIRLEI GRAWE com Maurício e Julia durante sua formatura

plantes, tornando a instituição uma referência em Santa Catarina. A rotina de trabalho dela exige delicadeza e muito carinho: Sirlei é uma das pessoas da equipe do Banco de Olhos que entram em contato com os familiares dos pacientes falecidos nos hospitais de Joinville e tentam convencê-los a autorizar a doação. “Nessa hora tão terrível para os familiares, nossa missão é mostrar que eles estão a um ‘sim’ de ajudar outras pessoas a ter suas vidas de volta”, ela explica.

Um “sim” que faz toda a diferença, como um dia fez para Sirlei e ainda pode fazer para tantos brasileiros. Um gesto de solidariedade que literalmente pode vencer a morte – se não a de quem já se foi, pelo menos a de quem ainda pode ter muita vida pela frente, acabando com as fronteiras entre uma vida que é particular e outra que pode tornar-se universalmente humana. Um pequeno milagre ao alcance da vontade de todos nós.

BR

*O autor é jornalista da **Brasil Rotário**.